

DOMINGO V DA PÁSCOA

CIC 2746-2751: a oração de Jesus na última Ceia

2746 Ao chegar a sua «Hora», Jesus ora ao Pai¹. A sua oração, a mais longa que nos é transmitida pelo Evangelho, abraça toda a economia da criação e da salvação, bem como a sua morte e ressurreição. A oração da «Hora» de Jesus continua sempre sua, tal como a sua Páscoa, acontecida «uma vez por todas», continua presente na liturgia da sua Igreja.

2747 A tradição cristã chama-lhe, a justo título, a oração «sacerdotal» de Jesus. Ela é, de facto, a oração do nosso Sumo-Sacerdote, inseparável do seu sacrifício, da sua «passagem» (páscoa) deste mundo para o Pai, em que é inteiramente «consagrado» ao Pai².

2748 Nesta oração pascal, sacrificial, tudo está «recapitulado» n'Ele³: Deus e o mundo, o Verbo e a carne, a vida eterna e o tempo, o amor que se entrega e o pecado que o atraiçoa, os discípulos presentes e os que n'Ele hão-de crer pela palavra deles, a humilhação e a glória. É a Oração da Unidade.

2749 Jesus cumpriu perfeitamente a obra do Pai e a sua oração, como o seu sacrifício estende-se até à consumação do tempo. A oração da «Hora» preenche os últimos tempos e leva-os à sua consumação. Jesus, o Filho a Quem o Pai tudo deu, entrega-Se todo ao Pai; e, ao mesmo tempo, exprime-Se com uma liberdade soberana⁴, segundo o poder que o Pai Lhe deu sobre toda a carne. O Filho, que Se fez Servo, é o Senhor, o *Pantocrátor*. O nosso Sumo-Sacerdote que ora por nós é também Aquele que em nós ora e o Deus que nos atende.

2750 É entrando no santo nome do Senhor Jesus que podemos acolher, desde dentro, a oração que Ele nos ensina: «Pai nosso!». A sua oração sacerdotal inspira, a partir de dentro, as grandes petições do Pai-nosso: a preocupação com o nome do Pai⁵, a paixão pelo seu Reino (a glória)⁶, o cumprimento da vontade do Pai, do seu desígnio de salvação⁷, e a libertação do mal⁸.

2751 Finalmente, é nesta oração que Jesus nos revela e nos dá o «conhecimento» indissociável do Pai e do Filho⁹, que é o próprio mistério da vida de oração.

¹ Cf. Jo 17.

² Cf. Jo 17, 11.13.19.

³ Cf. Ef 1, 10.

⁴ Cf. Jo 17, 11.13.19.24.

⁵ Cf. Jo 17, 6.11.12.26.

⁶ Cf. Jo 17, 1.5.10.22.23-26.

⁷ Cf. Jo 17, 2.4.6.9.11.12.24.

⁸ Cf. Jo 17, 15.

⁹ Cf. Jo 17, 3.6-10.25.

736 É graças a esta força do Espírito que os filhos de Deus podem dar fruto. Aquele que nos enxertou na verdadeira Vide far-nos-á dar «os frutos do Espírito: caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto-domínio» (*Gl 5, 22-23*). «O Espírito é a nossa vida»: quanto mais renunciarmos a nós próprios¹⁰, mais «caminharemos segundo o Espírito»¹¹:

«Pela comunhão com Ele, o Espírito Santo torna-nos espirituais, recoloca-nos no paraíso, reconduz-nos ao Reino dos céus e à adopção filial, dá-nos a confiança de chamar Pai a Deus e de participar na graça de Cristo, de ser chamados filhos da luz e de tomar parte na glória eterna»¹².

755 «A Igreja é a *agricultura* ou o campo de Deus¹³. Nesse campo cresce a oliveira antiga, de que os patriarcas foram a raiz santa e na qual se realizou e realizará a reconciliação de judeus e gentios¹⁴. Ela foi plantada pelo celeste Agricultor como uma vinha eleita¹⁵. A verdadeira Videira é Cristo: é Ele que dá vida e fecundidade aos sarmentos, isto é, a nós que, pela Igreja, permanecemos n'Ele, e sem o Qual nada podemos fazer¹⁶»¹⁷.

787 Desde o princípio, Jesus associou os discípulos à sua vida¹⁸. Revelou-lhes o mistério do Reino¹⁹; deu-lhes parte na sua missão, na sua alegria²⁰ e nos seus sofrimentos²¹. Jesus fala duma comunhão ainda mais íntima entre Ele e os que O seguem: «Permanecei em Mim, como Eu em vós [...]. Eu sou a cepa, vós os ramos» (*Jo 15, 4-5*). E anuncia uma comunhão misteriosa e real entre o seu próprio Corpo e o nosso: «Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em Mim e Eu nele» (*Jo 6, 56*).

1108 A finalidade da missão do Espírito Santo em toda a acção litúrgica é pôr-nos em comunhão com Cristo, para formarmos o seu corpo. O Espírito Santo é como que a seiva da Videira do Pai, que dá fruto nos sarmentos²². Na liturgia, realiza-se a mais íntima cooperação do Espírito Santo com a Igreja. Ele, Espírito de comunhão, permanece indefectivelmente na Igreja, e é por isso que a Igreja é o grande sacramento da comunhão divina que reúne os filhos de Deus dispersos. O fruto do Espírito na liturgia é, inseparavelmente, comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna²³.

1988 Pelo poder do Espírito Santo, nós tomamos parte na paixão de Cristo, morrendo para o pecado, e na sua ressurreição, nascendo para uma vida nova. Somos os

¹⁰ Cf. *Mt 16, 24-26*.

¹¹ Cf. *Gl 5, 25*.

¹² SÃO BASÍLIO MAGNO, *Liber de Spiritu Sancto* 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132).

¹³ Cf. *1 Cor 3, 9*.

¹⁴ Cf. *Rm 11, 13-26*.

¹⁵ Cf. *Mt 21, 33-43* e par.; *Is 5, 1-7*.

¹⁶ Cf. *Jo 15, 1-5*.

¹⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 6: AAS 57 (1965) 8.

¹⁸ Cf. *Mc 1, 16-20*; *3, 13-19*.

¹⁹ Cf. *Mt 13, 10-17*.

²⁰ Cf. *Lc 10, 17-20*.

²¹ Cf. *Lc 22, 28-30*.

²² Cf. *Jo 15, 1-17*; *Gl 5, 22*.

²³ Cf. *1 Jo 1, 3-7*.

membros do seu corpo, que é a Igreja²⁴, os sarmentos enxertados na videira, que é Ele próprio²⁵:

«É pelo Espírito que nós temos parte em Deus. [...] Pela participação no Espírito, tornamo-nos participantes da natureza divina [...]. É por isso que aqueles em quem habita o Espírito são divinizados»²⁶.

2074 Jesus diz: «Eu sou a cepa, vós as varas. Quando alguém permanece em Mim, e Eu nele, esse é que dá muito fruto, porque, sem Mim, nada podeis fazer» (Jo 15, 5). O fruto, a que se faz referência nesta palavra, é a santidade duma vida fecundada pela união com Cristo. Quando cremos em Jesus Cristo, comungamos nos seus mistérios e guardamos os seus mandamentos, o Salvador vem em pessoa amar em nós o seu Pai e os seus irmãos, o nosso Pai e os nossos irmãos. A sua pessoa torna-se, graças ao Espírito, a regra viva e interior do nosso agir. «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei» (Jo 15, 12).

CIC 953, 1822-1829: a caridade

953 *A comunhão da caridade*: na *sanctorum communio*, «nenhum de nós vive para si mesmo, e nenhum de nós morre para si mesmo» (Rm 14, 7). «Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro for honrado por alguém, todos os membros se alegram com ele. Vós sois Corpo de Cristo e seus membros, cada um na parte que lhe diz respeito» (1 Cor 12, 26-27). «A caridade não é interesseira» (1 Cor 13, 5)²⁷. O mais insignificante dos nossos actos, realizado na caridade, reverte em proveito de todos, numa solidariedade com todos os homens, vivos ou defuntos, que se funda na comunhão dos santos. Pelo contrário, todo o pecado prejudica esta comunhão.

1822 A caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas por Ele mesmo, e ao próximo como a nós mesmos, por amor de Deus.

1823 Jesus faz da caridade o *mandamento novo*²⁸. Amando os seus «até ao fim» (Jo 13, 1), manifesta o amor do Pai, que Ele próprio recebe. E os discípulos, amando-se uns aos outros, imitam o amor de Jesus, amor que eles recebem também em si. É por isso que Jesus diz: «Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permaneci no meu amor» (Jo 15, 9). E ainda: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei» (Jo 15, 12).

1824 Fruto do Espírito e plenitude da Lei, a caridade *guarda os mandamentos* de Deus e do seu Cristo: «Permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor» (Jo 15, 9-10)²⁹.

²⁴ Cf. 1 Cor 12.

²⁵ Cf. Jo 15, 1-4.

²⁶ SANTO ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, *Epistula ad Serapionem*, 1, 24: PG 26, 585-588.

²⁷ Cf. 1 Cor 10, 24.

²⁸ Cf. Jo 13, 34.

²⁹ Cf. Mt 22, 40; Rm 13, 8-10.

1825 Cristo morreu por amor de nós, sendo nós ainda «inimigos» (*Rm 5, 10*). O Senhor pede-nos que, como Ele, amemos até os nossos *inimigos*³⁰, que nos façamos o próximo do mais afastado³¹, que amemos as crianças³² e os pobres como a Ele próprio³³.

O apóstolo São Paulo deixou-nos um incomparável quadro da caridade: «A caridade é paciente, a caridade é benigna; não é invejosa, não é altiva nem orgulhosa; não é inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita; não guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (*1 Cor 13, 4-7*).

1826 Sem a caridade, diz ainda o Apóstolo, «nada sou». E tudo o que for privilégio, serviço, ou mesmo virtude..., se não tiver caridade «de nada me aproveita»³⁴. A caridade é superior a todas as virtudes. É a primeira das virtudes teológicas: «Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e a caridade; mas *a maior de todas é a caridade*» (*1 Cor 13, 13*).

1827 O exercício de todas as virtudes é animado e inspirado pela caridade. Esta é o «vínculo da perfeição» (*Cl 3, 14*) e a *forma das virtudes*: articula-as e ordena-as entre si; é a fonte e o termo da sua prática cristã. A caridade assegura e purifica a nossa capacidade humana de amar e eleva-a à perfeição sobrenatural do amor divino.

1828 A prática da vida moral animada pela caridade dá ao cristão a liberdade espiritual dos filhos de Deus. O cristão já não está diante de Deus como um escravo, com temor servil, nem como o mercenário à espera do salário, mas como um filho que corresponde ao amor «d'Aquele que nos amou primeiro» (*1 Jo 4, 19*):

«Nós, ou nos desviamos do mal por temor do castigo e estamos na atitude do escravo, ou vivemos à espera da recompensa e parecemo-nos com os mercenários; ou, finalmente, é pelo bem em si e por amor d'Aquele que manda, que obedecemos [...], e então estamos na atitude própria dos filhos»³⁵.

1829 Os *frutos* da caridade são: a alegria, a paz e a misericórdia; exige a prática do bem e a correcção fraterna; é benevolente; suscita a reciprocidade, é desinteressada e liberal; é amizade e comunhão:

«A consumação de todas as nossas obras é o amor. É nele que está o fim: é para a conquista dele que corremos; corremos para lá chegar e, uma vez chegados, é nele que descansamos»³⁶.

³⁰ Cf. *Mt 5, 44*.

³¹ Cf. *Lc 10, 27-37*.

³² Cf. *Mc 9, 37*.

³³ Cf. *Mt 25, 40.45*.

³⁴ Cf. *1 Cor 13, 1-4*.

³⁵ SÃO BASÍLIO MAGNO, *Regulae fusius tractatae*, prol. 3: PG 31, 896.

³⁶ SANTO AGOSTINHO, *In epistulam Iohannis ad Parthos tractatus* 10, 4: PL 35, 2056-2057.